

# A "Seara Nova" e o Conceito de Revolução

Caro Camara Reys

Rogamos-lhe o obséquio de fazer publicar no próximo número da *Seara Nova* a nota seguinte:

Surpreendeu-nos o artigo em que o nosso querido amigo e camarada de luta Rodrigues Miguéis (cujo espírito é de ordinário tão penetrante e generoso) aprecia um anterior de Castelo Branco Chaves sobre *O Conceito de Revolução em Eça de Queirós*, ambos na nossa revista, números 220 e 205). Por se tratar de um ponto doutrinal de capitalíssima importância, onde o mais pequeno mal-entendido poderia levar os nossos leitores a uma radical incompreensão das ideas da *Seara Nova*, parece-nos conveniente declarar que o pensamento social e político apresentado por Castelo Branco Chaves no seu artigo sobre Queirós concorda de maneira completa com as concepções da democracia que sempre defendemos na nossa revista, — o que só por um lapso de atenção não foi visto por Rodrigues Miguéis. Assim, por exemplo, subscrevemos sem a menor reserva as seguintes palavras de Quental, que Castelo Branco Chaves reproduziu:

*O seu nome (o do espírito moderno) é Revolução: revolução não quiere dizer guerra, mas sim paz; não quiere dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. Longe de apelar para a insurreição, pretende preveni-la, torná-la impossível: só os seus inimigos, desesperando-a, a podem obrigar a lançar mão das armas. Em si, é um verbo de paz, porque é o verbo humano por excelência.*

Foi sempre uma idea básica, defendida por todos nós, a da necessidade absoluta de vastos movimentos de opinião pública, de prévios estudos de problemas concretos, de um esforço paciente para *persuadir*, e sempre considerámos a sociedade, nas nossas doutrinas sociais e políticas, não à imagem e semelhança de uma rocha ou de uma coisa (conforme o símile perigoso que Rodrigues Miguéis ali empregou), mas como uma associação de consciências livres, e acessíveis, como tais, à influência salubre das ideas claras. Nem vemos que estes princípios impliquem em si a condenação total de certos métodos inevitáveis de luta, quando determinadas circunstâncias os imponham imperiosamente. Ao repetir agora estas nossas teses, para evitar erros de interpretação, aproveitamos o ensejo para acompanhar Miguéis na homenagem por êle prestada às altas qualidades de carácter, e ainda ao verdadeiro espírito crítico (base da doutrina da democracia) de que Castelo Branco Chaves nos tem dado exemplos incontestáveis.

Paris, 22 de Outubro de 1930.